

A INFLUÊNCIA PLATINA NA MÚSICA GAÚCHA

Elaine Maria Gracioli Rodrigues©

RESUMOⁱⁱⁱ

Este artigo busca apontar os fatores que contribuem para o recorrente emprego do “espanholismo” na linguagem do Rio Grande do Sul e, especialmente, na música gaúcha. Toma-se como apoio aspectos da sociolingüística para apresentar essa influência em uma letra musical.

PALAVRAS-CHAVE: espanholismo, regionalismo, variação lingüística.

INTRODUÇÃO

O Rio Grande do Sul esteve por muito tempo envolvido em guerras e revoluções até suas fronteiras serem definidas. Vários tratados foram assinados entre as coroas de Portugal e Espanha, destacando-se o de Madrid em 1750 e o de Santo Idelfonso, em 1777. Durante esse período e posteriormente, o território sul rio-grandense esteve suscetível a fortes influências externas em sua formação étnica e cultural. Entre elas, cabe ressaltar os intercâmbios lingüísticos entre portugueses e espanhóis, visto que era constante o avanço dos castelhanos sobre terras brasileiras, bem como de brasileiros em solo rioplatense.

Por esse motivo, a influência da língua espanhola foi marcante no Rio Grande do Sul e conserva-se até hoje no linguajar sulino. O uso do chamado “espanholismo” aparece constantemente no falar do gaúcho e em letras musicais de vários autores regionalistas, em especial de compositores que vivem na fronteira com o Uruguai ou Argentina.

Neste artigo, buscar-se-á mostrar a interferência do idioma espanhol na música regionalista. Para isso, será necessário o apoio teórico de diversos autores na área da lingüística, em especial da sociolingüística e da dialetologia, como Tarallo (2001) e outros. Da mesma forma, será feito um apanhado de estudos acerca da influência desse idioma, tomando-se como fundamento a obra de Laytano (1981). Finalmente, como exemplo, foi selecionada a letra musical *Assim Se Vai Pra'*

Três Cruces, canção apresentada na XXI Coxilha Nativista de Cruz Alta. Nesta, observar-se-á a presença de vocábulos espanhóis mesclados a portugueses.

1 Alguns aspectos da Sociolingüística

De acordo com Ferreira & Cardoso (1994), falantes de uma mesma língua, vivendo em regiões diferentes, apresentarão características lingüísticas diversificadas. O mesmo ocorre com pessoas que vivem na mesma região, mas falam de maneira distinta, por razões sociais ou variadas formas de comunicar. Esses seriam alguns dos motivos que contribuem para a formação do dialeto.

As mesmas autoras também definem as diferenças básicas entre língua e dialeto, que podem ser vistas assim: a língua entendida como sistema é uma abstração e uma generalização considerável, devido à grande diversidade de usuários. Uma vez que a língua só se concretiza através do ato da fala, surgem, a partir daí, as variações lingüísticas.

Para Tarallo (2001, p.12-13), o conceito de língua pode ser entendido como um sistema lingüístico de que se utiliza uma comunidade falante e se caracteriza por ser grandemente diferenciado. Segundo ele, dialeto pressupõe “um sistema divergente de uma língua comum marcado por uma limitação geográfica, sem grande diferenciação frente a outras de origem comum”.

O dialeto pode, então, classificar-se como uma língua subordinada a outra de ordem superior, ou seja, uma língua menor incluída em uma língua maior. Como exemplo disso, tem-se o dialeto gaúcho que está inserido dentro da língua portuguesa. Mas, a sua localização o coloca em contato com uma outra língua, a espanhola, fato que o reveste de características especiais.

1.1 Dialeto Regional

De acordo com Cezimbra Jacques (1912), na América do Sul foi conservada a mesma ortografia peninsular com exceção de algumas variantes, tanto em colônias espanholas quanto portuguesas, no caso o Brasil. Assim a língua falada sofreu modificações lingüísticas inevitáveis, surgindo assim, os chamados dialetos. E, no Rio Grande do Sul, formou-se um linguajar particular, influenciado fortemente pelo espanhol falado no Plata.

Na opinião do autor, deixando de lado os vícios de linguagens dos elementos mais rústicos, o dialeto rio-grandense pode ser considerado como um dos mais elegantes existentes no país, comparado aos de outros estados brasileiros. Mas a influência da língua espanhola no dialeto sulista não atuou apenas na pronúncia, contribuiu também com um número considerável de termos incorporados ao uso cotidiano da linguagem.

2.2 O linguajar sulista

Laytano (1981) fez um panorama geral das pesquisas realizadas entre o final do século XIX e início do século XX, no qual tenta explicar os vários motivos que contribuíram para o dialeto sulino, sob a perspectiva de diversos pesquisadores, dos quais importa destacar alguns.

O autor citado, referindo-se à análise de Pereira Coruja, de 1891, aponta que este dá destaque aos caracteres fonéticos do linguajar gaúcho e indica as influências espanhola e indígena como as mais importantes. Embora o estudo apresente um número reduzido de vocábulos (358), afirma que não deixou de ser uma importante pesquisa na época.

Sobre Romaguerra Correa, estudo de 1897, Laytano (idem) destaca que o autor reuniu, em seus estudos, mais de mil palavras, com o objetivo de corrigir alguns equívocos cometidos por Coruja, além de esclarecer que a linguagem pitoresca do gaúcho deve-se à influência das línguas indígenas como tupi-guarani, quíchua, aos africanos e ainda à língua espanhola. Seus métodos comparativos basearam-se em observações próprias quanto ao emprego dos vocábulos regionais.

De acordo com Laytano (idem), Callage, em 1920, critica a conclusão de Romaguerra e a

considera deficiente por não ter sido avaliado o aspecto etimológico dos termos. Em suas pesquisas, Callage divide a procedência dos termos gauchesco em três partes: o português, o hispano platino e o aborígene. Esse autor considera ainda que a influência indígena é pequena, ao contrário da espanhola que julga ser a maior de todas, com um percentual de 60%. Segundo ele, por razões de fronteiras e semelhança econômica com a região platina o vocabulário pastoril sofreu forte influência do Plata. Sua pesquisa baseou-se em dados colhidos por pesquisadores e escritores de ficção.

Laytano (idem), referindo-se à investigação de Moraes, de 1935, conclui que o mesmo buscou bases para seus estudos junto a historiadores brasileiros e platinos, sendo que suas pesquisas foram mais amplas e consistentes do que as de seus antecessores. Moraes postulou que os seguintes fatores são os principais responsáveis, pela diferenciação do linguajar gaúcho:

- isolamento geográfico do Rio Grande do Sul;
- dificuldades de comunicação;
- contato com as repúblicas do Plata;
- fronteiras abertas e as vezes imprecisa;
- vida campestre.

Ao destacar a influência platina que alguns autores negam, Moraes não só mostra como ela existiu, mas também levanta a hipótese desta ser recíproca, enfatizando que são três os elementos fundamentais pela formação do dialeto sulino: a língua portuguesa do século XVI, a língua guarani das missões e a língua castelhana.

Em sua tese de doutorado sobre o linguajar gaúcho, Laytano (1981) esclarece sobre os vários usos de vocábulos típicos do povo rio-grandense. Para isso, consultou dicionários e gramáticas portuguesas onde tratavam não só de língua portuguesa no Brasil, mas também sobre vocabulários e dialetos regionais. Buscou ainda referências nas obras de dois escritores gaúchos: Simões Lopes Neto e Alcides Maya.

Em sua ampla pesquisa, um dos pontos investigados pelo autor foram os aspectos fonológicos, como por exemplo, termos onde

aparecem acréscimos iniciais de letras como em verbos, lembrar- lembrar, renegar-arrenegar, reparar- arrearar, etc.. no meio de palavras como: depois – despois, escutar – escuitar, rumar – rumeiar, etc. Outra constatação feita pelo autor é a supressão de sílabas em final de palavras como: desde que- s’que, aquele – aquel, muito – mui, etc.

Finalmente Laytano (idem) aponta como dois os fatores fundamentais que caracterizam o vocabulário riograndense: a forma arcaica do português proveniente dos Açores e a forte influência rio-platense. Para o autor, em algumas regiões do estado certos termos que parecem mal empregados são a cristalização do linguajar açoriano na linguagem do gaúcho. Outros são construções comuns ao espanhol que passaram para o Rio Grande do Sul e se incorporaram ao dialeto do pampa brasileiro.

Em certas situações, torna-se difícil definir se um vocábulo é um castellanismo no português ou vice-versa. Para Machado, (1966) feita uma análise mais profunda, descobre-se que certas palavras pertencem a línguas precedentes ao espanhol ou ao português, referindo-se à herança lingüística dos povos árabes que habitaram a Península Ibérica por vários séculos.

O mesmo autor (idem) esclarece que José J. Nunes apontou que só a fonética histórica pode explicar a série de transformações que ocorre quando idiomas diferentes influenciam-se mutuamente, através das relações que povos distintos mantêm entre si, quando além de trocarem seus produtos, trocam também diferentes vocábulos.

Assim, as principais causas da influência espanhola na formação do vocabulário gaúcho seriam os motivos históricos e geográficos que propiciaram um entrelaçamento lingüístico na fronteira entre o Brasil e os países platinos. Machado (idem), referindo-se a Manuelito de Ornelas, relata que gaúchos e uruguaios lutaram lado a lado, formando as tropas dos Maragatos de Gumercindo Saraiva, por ocasião da Revolução Federalista de 1893. Nesse episódio, era comum encontrar nas faixas de chapéus caídos ao lado de um corpo dizeres como: “Todo por la libertad” ou Tudo pela liberdade.

2.2 Análise prática

Relacionados aos principais fatores que explicariam a presença de termos da língua espanhola no dialeto sulino, procura-se, agora, demonstrar como os “espanholismos” estão presentes na música riograndense. A letra musical selecionada para este trabalho foi apresentada na 21ª Coxilha Nativista de Cruz Alta. Em sua composição aparecem termos oriundos do português arcaico, da língua indígena somados aos espanholismos. Conforme foi referido, estas seriam as principais influências que ocorreram no dialeto sul riograndense desde a sua formação, permanecendo até hoje enraizadas no dialeto gaúcho.

Assim se vai “P’A Três Cruces”

Ritmo: Chamamé – Letra: Xiru Antunes e Rogério Ávila

1. Assim se vai “p’ a três cruces”,
2. Sair botando cincerro,
3. A alma solta adelante
4. Num trote de cruzar cerros.

5. Cruzei por “Sauce” florido,
6. Água no peito da eguada,
7. Noite de orvalho na quinha
8. E lua mostrando a estrada

9. Em cima da Dálva “encendida”
10. Me “invitando” a “silaba”,
11. Têm o brilho dos teus olhos
12. Quando acende a me chamar

13. Me vou buscando teu rumo,
14. “A mi modo de gauchar,
15. el camino é mas florido”
16. Quando vou pra te encontrar.

17. “Caminho” de cerros largos,
18. “Canción” de “noche” e lunar,
19. Aroma de flor no campo,
20. Figuerilha e arça.

21. Assim se vai “p’ a três cruces”,
22. “Camino” largo de pampa,
23. A alma solta adelante
24. E o pago todo na estampa.

No título “Assim se vai P’a três cruces,” há uma supressão na palavra Para - P’a. Laytano (1981) descreve como sendo comum esse tipo de construção fonológica em Portugal no século XVI. Isso seria, então, uma constatação do

fenômeno de arcaísmo na língua portuguesa. Na palavra *cruces* há marca de espanholismo, pois, no Português atual, estaria grafada *cruzes* com a letra z em vez de c. Em Espanhol, palavras no singular que são grafadas com z no final passam a ser escritas com c no plural, acrescidas de es.

Na linha 2, a palavra *botando* está usada no sentido de *se pôr de viagem*, forma muito comum no estado sulista, em especial no meio rural, por aquelas pessoas ligadas as lides campeiras.

Observa-se, na linha 3, que o advérbio *adelante*, que dá voz para autorizar a entrada de alguém ou continuar o que estava fazendo, é um vocábulo Espanhol. Na linha 5, o termo *sauce* é do mesmo idioma e serve para designar várias árvores da família Salicáceas.

Já na linha 7, *quincha* está se referindo à cobertura feita de capim ou juncos. Este é um vocábulo oriundo da língua *ameríndia quechua* que já existia durante a dominação inca e permaneceu após a colonização, pois seus dialetos são pouco variáveis. Segundo Laytano (1981, p.52), evidencia-se que tenha chegado ao Rio Grande do Sul através do contato dos índios *tupi-guarani* com estes povos.

A palavra *encendida*, na linha 9, é um termo Espanhol que indica a cor viva (vermelha) na forma como está empregada funciona como adjetivo. Além disso, na linha 10, o termo *invitando* é um verbo transitivo direto próprio do Espanhol, usado para dar ânimo a alguém ou desejo para fazer algo.

Na linha 14, a palavra *mi* em Espanhol é classificada como adjetivo possessivo e usada antes de nome. Nesse caso, sofre apócope, pois está antes de uma palavra do gênero masculino singular. Em português, o termo correspondente seria *meu*, o qual se classifica como pronome possessivo. Na mesma linha, a palavra *gauchar*, vocábulo comum no linguajar gaúcho, tem como significado proceder como gaúcho, cruzar os campos passando de estância em estância, viver como campeiro, viajar de lugar em lugar sem ocupação certa, levar uma vida de vagabundo.

Nota-se, ainda, na linha 15 o artigo masculino singular *el*, cujo uso se dá de maneira semelhante ao artigo determinado *o*, do Português. Nessa mesma linha, aparece a

palavra *camino*, nome singular masculino empregado para nomear rota, lugar de passo ou ação de transladar-se de um lugar a outro. Em Português, seria usada a palavra *caminho* no mesmo sentido.

A palavra *canción*, linha 18, em Espanhol corresponde a uma composição musical, de uma ou várias vozes. No Português, utiliza-se *canção* para indicar música erudita ou popular composta para ser cantada. Para concluir, na mesma linha, a palavra *noche* do Espanhol é equivalente à *noite* em Português. E *lunar* corresponde a *lunar*, em Português, adjetivo relativo à lua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto, o recorrente emprego do espanholismo na música regionalista é uma conseqüência de vários fatores: históricos, geográficos e lingüísticos. Através da história, observa-se as mudanças nos limites de fronteiras que ocorreram na região platina que atualmente corresponde à partes da Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul.

Em razão dessa aproximação entre falantes de idiomas diferentes, se faz necessário buscar o apoio da sociolingüística. Pois, essa corrente lingüística se ocupa em estudar as variedades da fala do indivíduo dentro do meio ao qual pertence, permitindo que seja entendido, como ocorre o processo de aproximação de línguas com características semelhantes, por serem oriundas do latim, como português e espanhol. A música, enquanto parte da cultura torna possível que se analise a própria linguagem de um povo. Assim, a letra estudada ajuda a ilustrar, através das palavras destacadas, certos aspectos do falar sulino, bem como o emprego de termos do idioma espanhol na música gaúcha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, Carlota & CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- GRIJALBO, Mondadorio. **Gran Diccionario Enciclopédico. Ilustrado**. Aragón, Barcelona, España, 1998.
- JACQUES, João Cezimbra. **Assuntos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Erus, 1979.
- LAYTANO, Dante de. **O linguajar do gaúcho brasileiro**. Porto Alegre: 1981.
- MACHADO, Propício da Silveira. **O gaúcho na história e na lingüística**. Porto Alegre: 1996.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sócio-lingüística**. São Paulo: Atica, 2001.

TORREGO, Leonardo Gómez. **Gramática didáctica del Español**. 5 ed. Ediciones SM, Madrid, España, 1999.

NOTAS

ⁱ Artigo apresentado à Disciplina de Técnica de Pesquisa em Letras. Semestre 2/2001. Sob a orientação da prof^a Ms. Karina Giacomelli.

ⁱⁱ Acadêmica do Curso de Letras, Habilitação em Espanhol, UFSM.